IMPACTO DA TERAPIA ESTEROIDE SOBRE A CITOLOGIA DO LAVADO BRONCOALVEOLAR EM CÃES ACOMETIDOS POR BRONQUITE CRÔNICA

Tainá Lúcio da Silveira[1], Marília Gabriela Luciani[2], Paulo Eduardo Ferian[3].

[1] Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária – CAV- bolsista PIBIC/CNPq
[2] Mestranda em Ciência Animal - CAV
[3] Orientador, Departamento de Centro de Ciências Agroveterinárias –CAV- paulo.ferian@udesc.br

Palavras-chave: Cães. Tosse crônica. Corticoide.

A bronquite crônica canina é uma enfermidade ocasionada por um processo inflamatório bronquial, que se traduz clinicamente como tosse crônica, podendo progredir para insuficiência respiratória. É caracterizada por inflamação predominantemente neutrofílica, podendo estar associado também o acúmulo de muco. Acomete com mais frequência cães de meia-idade a idosos de raças de pequeno porte. Os fatores iniciantes ainda não são completamente conhecidos, mas acredita-se que qualquer injúria no epitélio bronquial pode ser potencial causador, como por exemplo, a inalação de substancias irritantes, como fumaça de cigarro, poluentes ambientais, ou ainda, infecções recorrentes, fatores imunológicos e genéticos; em humanos há estudos correlacionando a bronquite crônica com dermatite atópica, rinite alérgica e asma, devido ao aumento sérico na proporção de linfócitos T CD4+ positivos para receptores específicos de quimiocina (CCR4), achado que também foi encontrado em estudos com cães, o que pode sugerir que tal relação esteja presente na bronquite crônica canina. As mudanças patológicas que ocorrem na doença tendem a ser permanentes, resultando em remodelamento do tecido pulmonar e alterações funcionais, incluindo obstrução das vias respiratórias, diminuição da complacência e aumento da resistência pulmonar, comprometimento da depuração de secreções e alteração no equilíbrio ventilação-perfusão, levando a redução gradativa da qualidade de vida, podendo culminar em insuficiência respiratória e óbito. O diagnóstico é realizado com base nos achados clínicos, radiográficos e documentação do processo inflamatório por meio de lavado broncoalveolar (LBA). Apesar de ser considerada uma das afecções do sistema respiratório mais comum em cães, o tratamento atualmente preconizado (uso de corticoides), é realizado de maneira empírica. O objetivo do presente estudo foi avaliar e correlacionar os sinais clínicos, radiográficos, endoscópicos e achados citológicos de inflamação do LBA de cães com bronquite crônica, antes e após a terapia com corticoide. Para isso foram utilizados 16 cães com diagnóstico de bronquite crônica, os quais passaram por tratamento à base de prednisona durante pelo menos 45 dias. As avaliações foram realizadas na admissão do paciente (antes do início do tratamento), e nos dias 15, 30 e 45 após o início do tratamento, o qual foi dividido em fases de indução (15 dias com 1 mg/kg SID de prednisona) e redução e manutenção (0,5 mg/kg SID 10 dias; 05 mg/kg SID a cada 48 horas; 0,5 mg/kg SID a cada 72 horas). O acompanhamento dos pacientes foi realizado por escala visual analógica (EVA) de severidade da tosse aplicado aos tutores e broncoscopia com coleta de LBA. Dos 16 cães que participaram desse estudo, em 12 a única queixa foi tosse e em 4 foi relatado associação de tosse com dificuldade respiratória em momentos de exercício. A mediana do tempo de início de tosse no momento do atendimento foi

de 12 meses, com variação de 108 meses. A tosse foi caracterizada como de início insidioso e desenvolvimento progressivo em 14 cães, e como de início súbito relacionado a procedimento anestésico prévio em dois casos. O quadro clínico foi considerado responsável por reduzir a qualidade de vida do paciente em 14 casos. Não houve correlação significativa entre os escores radiográfico de alteração pulmonar e a pontuação EVA de severidade da tosse, e a porcentagem de neutrófilos no líquido obtido do LBA, o que sugere não haver associação entre a concentração de células inflamatórias e a profundidade das alterações estruturais definidas radiograficamente e a magnitude dos sinais clínicos; porém houve correlação positiva alta entre os escores radiográficos e broncoscópicos de alteração pulmonar. Também não houve correlação significativa entre o escore broncoscópico e a porcentagem de neutrófilos no LBA e a EVA de severidade da tosse, mas houve correlação positiva alta entre o escore broncoscópico de alteração bronquial e a porcentagem de neutrófilos no LBA. Desta forma, parece não haver relação direta entre os achados dos exames subsidiários utilizados (radiografia, endoscopia e LBA) e a manifestação clínica da enfermidade.

Com relação a avaliação nos diferentes momentos do tratamento, não houve diferença significativa na contagem de neutrófilos, linfócitos e macrófagos para as amostras obtidas por meio do LBA, em nenhum dos momentos do tratamento com corticoide (pré, indução, redução e manutenção), sugerindo que o objetivo da corticoterapia de reduzir a inflamação e consequente progressão da enfermidade pode não ser atingido; contudo, a resposta clínica diante do tratamento mostrou-se positiva nos cães avaliados. Somente em dois pacientes não foram detectadas alterações clínicas relacionadas ao corticoide, mas em nenhum paciente isso foi relacionado com a queda da qualidade de vida, e em praticamente todos eles o uso prolongado foi considerado aceitável pelos tutores.